

Os executivos-bumerangue não são raros. Conforme pesquisa realizada pelo Grupo Catho, esta a movimentação é bem mais comum do que se imagina. O levantamento, com 12.122 profissionais de empresas privadas de todo o Brasil, mostra que o fenômeno é muito comum nos níveis hierárquicos mais altos. Entre os diretores consultados, por exemplo, 36,14% já voltaram a trabalhar com ex-empregadores (muitos deles em mais de uma oportunidade).

Apesar do porcentual relevante, na opinião de Mariá Giuliese, diretora da consultoria Lens & Minarelli, em geral a recontração não é percebida como positiva. Pelo menos do ponto de vista das companhias. "Algumas empresas têm como política não recontração. Em relação a funcionários operacionais, geralmente não recontração. E quanto aos executivos, só vão buscá-los novamente em caso de problema pontual, como o domínio de conhecimento específico ou o atendimento a determinado cliente", diz.

Para isso, é importante que a imagem do executivo não tenha sido arranhada na saída. O profissional também deve fazer uma explanação clara dos motivos que o levaram, primeiro, a sair e, em um segundo momento, a querer retornar. "É muito importante a forma como ele comunica o que aconteceu, seja em relação a sua saída ou em relação aos motivos que o fizeram sair e depois voltar", pontua Mariá.

Neste contexto, diz Mariá, a volta pode até ser positiva para os dois lados. Desde que a relação tenha sido amigável, sem nenhum tipo de seqüela. "Não acho que voltar seja um passo atrás. Pode ser até um passo à frente. Às vezes, a volta valoriza esse profissional que reconheceu que pode ter tomado uma decisão equivocada. Mas, para que isso aconteça, ele sempre deve sair pela porta da frente, deixando bons vínculos, para quando houver possibilidade ou necessidade de voltar, tudo possa correr bem."

Ionio Mello, da Stanton Chase, também reforça o retorno bem elaborado por ambos os lados. "Se o executivo volta com um downgrade em relação à posição em que saiu, isso pode ser visto como um passo atrás. Cria-se uma posição muito desconfortável para ele e para a empresa. E aí, na primeira oportunidade que ele tiver para sair, sai. Essa situação é ruim", conclui.